

“Brasília ficou um monstrinho”

» CRISTINE GENTIL

» MARYNA LACERDA

Em sua sala na Codeplan, há um imenso mapa do Distrito Federal. Mais do que um instrumento de trabalho, a imagem representa um desenho desfigurado. A falta de planejamento urbano, a grilagem de terras e a omissão do Estado são responsáveis por alterar o plano pensado por Lucio Costa. A crítica é do geógrafo Aldo Paviani, que há 47 anos se dedica a pensar e a estudar Brasília. Chegou à capital do país em 1969 para ficar apenas um ano. Gaúcho de Erechim, decidiu fixar raízes quando enxergou no território recém-criado um objeto de estudo inesgotável. Aos 81 anos, o professor emérito da Universidade de Brasília e diretor de Estudos Ambientais da Codeplan segue em plena atividade e vigor intelectual. Visita regiões distantes do poder público e da infraestrutura básica para embasar os livros e artigos que publica sobre planejamento urbano.

É crítico do abandono do papel do Estado como definidor das políticas públicas voltadas para a gestão territorial. Também defende a descentralização das atividades do Plano Piloto a partir de uma visão ampla do que é o Distrito Federal. Paviani propõe a autonomia das cidades e da instituição de ensino que ajudou a erguer, a UnB. Hoje, acumula menções honrosas, prêmios e brinca que o reconhecimento é resultado da idade. “Depois que a gente envelhece, fica sendo homenageado”, ri.

Detalhista, o professor tem muitas propostas a apresentar. Agumas delas, ele explicou ao *Correio*, na última quinta-feira, na Codeplan. Falou de temas abrangentes, da grilagem à desocupação da orla. Da distribuição das vagas de trabalho ao trânsito. E mostrou que todos os aspectos estão interligados, quando se pretende construir uma cidade com qualidade de vida.

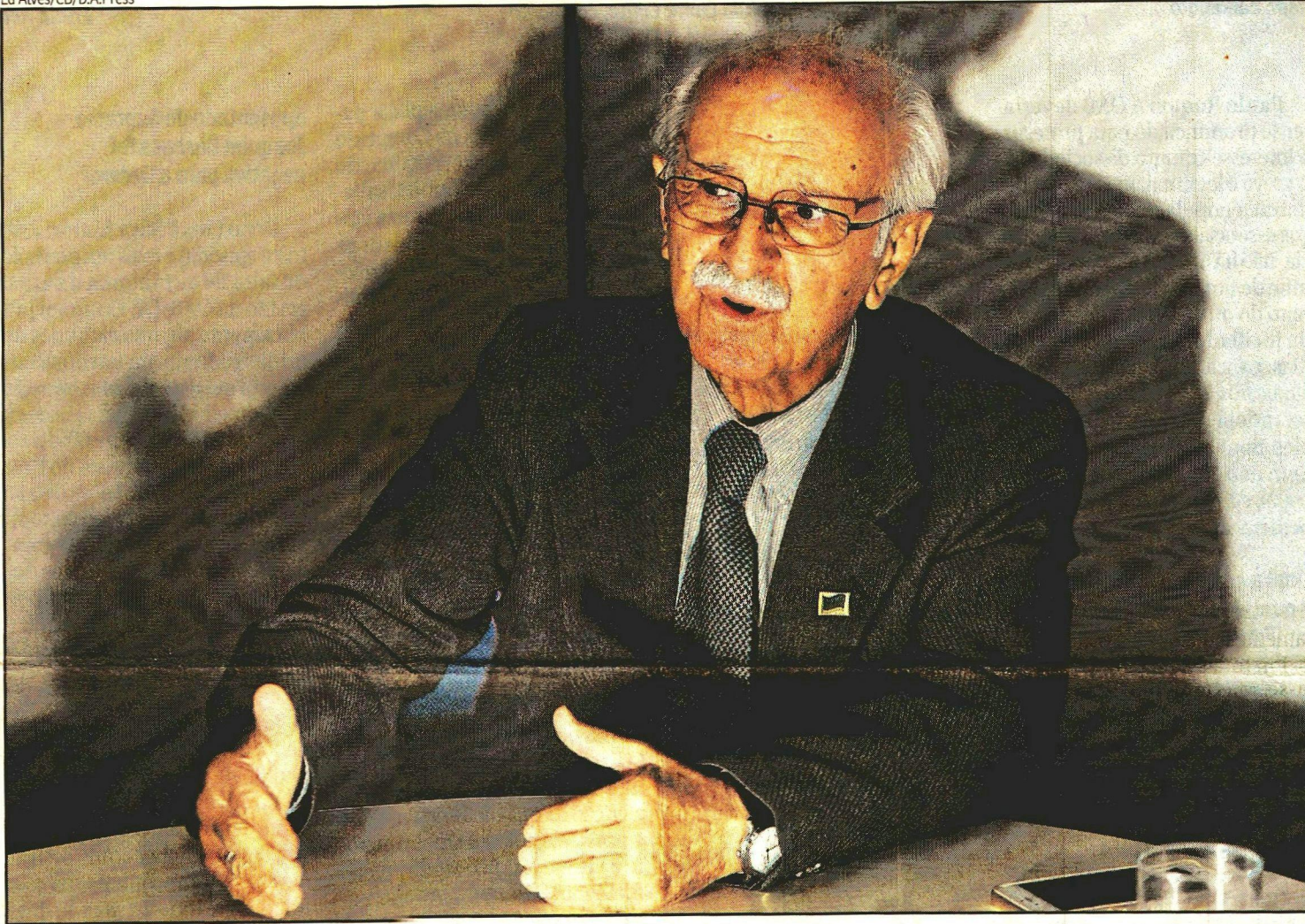
O senhor é um dos grandes pensadores e estudiosos do Distrito Federal. Na sua avaliação, qual é o principal problema nessa área de planejamento urbano?

Eu diria que a grilagem foi um crime hediondo, porque destruiu o planejamento e foi ocupando espaços de qualquer jeito. Foi feito por aproveitadores, na base da falta de uma maior vigilância e omissão do Estado, do Distrito Federal. Esse é um problema. O outro é a centralização do trabalho. Essa centralização trouxe um problema viário. O Plano Piloto concentra 43% do trabalho, com apenas 8% da população. Nas cidades satélites, há 92% da população, que emprega apenas 53% da população ativa. Além disso, há o desemprego. Tivemos 225 mil desempregados em setembro. Aí há quem diga que isso aumenta a criminalidade. Espera aí um pouquinho: o cara está à procura de emprego. Pode até ser que ele procure tirar o bem de alguém para vender. Mas tem gente honesta. Possivelmente, um jovem desempregado não é um desonesto.

Quando o senhor fala em grilagem, refere-se aos condomínios?

Não são bem condomínios. Grileiro é aquele que ocupa

Ed Alves/CB/D.A.Press



Acho que é saudável o lago ser nosso e não só de quem vai lá e constrói quadra de vôlei, puxa um pier. É lazer para rico só. E a derrubada dessas coisas foi acertada. A alegação de que ‘ah, os bandidos virão’. Ora, eles vão em qualquer lugar.”

ilegalmente. Ele não é necessariamente um invasor, é alguém que ocupou ilegalmente um terreno que não era dele. Ou era do Estado ou era de uma empresa. Por exemplo, a Fazenda Paranoazinho, que estão querendo regularizar. Agora mesmo, eu estou examinando Vicente Pires. As chácaras foram vendidas na grilagem, mas a terra era um pouco do GDF e um pouco da União. Ali, destruíram o meio ambiente. A grilagem pode acabar com nascentes, destrói flora, fauna, o que for. Compromete, sobretudo, nosso futuro abastecimento de água. Esse é um problema crucial, porque o governo não se deu ao trabalho de coibir isso. E aí tem a questão da impunidade. A pessoa ocupou ilegalmente e simplesmente não recebeu punição nenhuma por isso e foi em frente. A grilagem é danosa, Brasília ficou um monstrinho. Brasília, como conjunto, com 31 RA's (regiões administrativas). A cidade foi desorganizada. Havia a borboleta de Lucio Costa, como ele preferia falar, e, de repente, você tem tentáculos de uma ocupação que não foi rigorosamente planejada, no meu entender. O desenho da cidade mudou bastante. Hoje, existe o Plano Piloto de Brasília, que está dentro da capital e da metrópole e as de-

mais 30 RA's compondo essa Brasília, um município único. É essa Brasília complexa que foi destruída.

Todos os governos foram omisso?

Sim. Ultimamente, o (ex-governador) Agnelo (Queiroz) fez alguma coisa. Ele criou o Grupar (Grupo de Análise e Aprovação de Parcelamento de Solo). Neste governo, a Agefis está mais forte no sentido de coibir ocupações ilegais no Lago Sul e, mais drasticamente, os pobres, que não têm para onde ir, vão para perto de riachos. A lei proíbe que você destrua as margens dos nossos córregos. Uma coisa que me preocupa muito é que, se você olhar o Plano Piloto, tem verde. Mas se você olhar Ceilândia, Samambaia, Recanto das Emas, elas são cinza. É falta de vegetação. Se você quiser ter água no futuro, tem que manter a vegetação. É difícil, hoje, você planejar o uso da terra. Primeiro, porque a grilagem continua. A cidade se complexou. Aí tem quem pergunte: está preservando o Plano Piloto ou Brasília? No meu entender, estou preservando o que Lucio Costa fez. Ceilândia está sendo organizada espontaneamente. A cidade se ajusta, mas aí as ruas são estreitas, por exemplo. Nós temos problemas sociais aqui que se somam a problemas territoriais.

Por manobras do setor imobiliário e com os olhos fechados do governo, basicamente do Roriz, ele permitiu o estouro do gabarito de Águas Claras. Não olharam o que estava acontecendo, ficou a skyline da Pauliceia.”

A desocupação da orla é uma decisão acertada?

É perfeita. Eu até diria que deveria desocupar também os clubes, só que os clubes estão lá desde sempre, não dá para mexer. Mas toda a orla deveria. Ela deve ter ciclovias, ter jeito de as pessoas passearem, ocuparem, caminhar, correrem. Uma espécie de Parque da Cidade, só que na orla. Acho que é saudável o lago ser nosso e não só de quem vai lá e constrói quadra de vôlei, puxa um pier. É lazer para rico só. E a derrubada dessas coisas foi acertada. A alegação de que ‘ah, os bandidos virão’. Ora, eles vão em qualquer lugar. A orla mais aberta vai facilitar a circulação de pessoas, o que é desejável.

Como conciliar os interesses de uma cidade que cresce, que demanda água, moradia, com a conservação do território?

Eu diria que, primeiramente, nós temos que recuperar a função planejadora do Estado. Também pode se associar às empresas. Chama para uma conversa e diz: ‘olha, nós vamos organizar de tal maneira que vai facilitar o trânsito para o seu funcionário’. Ele não vai mais chegar às 9h30, 10h. Ele vai chegar às 8h, até para organizar uma coisa que ninguém resolve, que é o afluxo excessivo de veículos para o Plano Piloto, em função de aqui estarem

grande parte dos consumidores com melhor renda e que, portanto, têm que ser abastecidos. Em Nova York, por exemplo, o lixeiro passa de madrugada. Ele não passa de dia para não atrapalhar o trânsito. É muito caro estacionar dentro de NY. Temos a Lei Orgânica, mas precisamos ter posturas urbanas. Em cada localidade, posturas específicas. E, de certo modo, coibir estacionamento na área central. Eu tenho experiência de Brasília de 47 anos e nunca vi ninguém dar um jeito no transporte. Quando quiseram implantar o metrô, nós, na UnB, fomos contra, porque já estava obsoleto. Não há ramais suficientes para você diminuir o fluxo de carros particulares. Em compensação, o trânsito ficou bem melhor com a destruição do Balão da Dona Sarah.

Para o aeroporto?

Ficou melhor. Para quem vai para o Guarã e o Zoológico, o trânsito flui bem. Então, eu acho que isso é um problema da organização do território. Tem que voltar o planejamento para entender como cada um usa seu território.

Existe a consciência de que tudo está interligado: trânsito, concentração de emprego no Plano etc.?

Quem define bem isso é o (geó-

grafo) Milton Santos. Ele viveu em Brasília nos anos do governo Jânio Quadros, era sub-chefe da Casa Civil. Ele disse o seguinte: você tem que ver globalmente. A visão de totalidade, em geografia, é fundamental para entender o funcionamento de uma cidade. Nada é desgrudado de nada, tudo é interligado. Se você mexe em uma peça de xadrez, a outra vai ter relação com ela. Ele dizia que, em certas cidades, você deveria estreitar as vias em vez de alargar, para diminuir o fluxo. Aqui se alarga muito. Você tem essa via moderníssima que é a EPTG e cada vez é preciso sair mais cedo para evitar o trânsito. O trabalho, as vias públicas, a circulação dos veículos, tudo isso está interligado. O abastecimento, também. Agora está melhorando, porque você tem muitos shoppings pelas cidades. Mas aquelas pequenas lojinhas, por exemplo, na W3 Norte, fecharam. Diminuiu o fluxo? Diminuiu. Mas desempregou alguém.

Águas Claras é um bom ou mau exemplo?

Essa é uma longa história. Foi um planejamento desperdiçado. Um governador nomeado pelo regime militar, o José Ornelas, pediu que a Codeplan fizesse um plano para a Área Complementar número 1, que era recente de 1983. Ele foi feito, elaborado, mas não foi implantado. Se tivesse sido implantado, a Área Complementar número 1 – AC – não viraria essa AC de hoje, Águas Claras. Já naquela época, nós batalhávamos para descentralização das atividades do Plano Piloto. Eu fiz a parte locacional. O que iria para Águas Claras. Lá haveria prédios com um térreo e dois pisos, com lojas, oficinas, o que fosse, para também descentralizar Taguatinga. Imaginávamos um grande setor de campi universitários. Nada de grande porte, que pudesse congestionar. Nos governos seguintes, o plano não foi implantado. Chegamos a pensar, à época, em organizar Vicente Pires. Sempre me preocupe muito com água e com vegetação. E Vicente Pires tinha aquele córrego, mas era muito poluído, porque havia, dentro das chácaras, matadouros de suínos, de aves, e tudo ia para o córrego. Pensamos que Vicente Pires poderia ter tais e tais atividades. Todo esse plano foi engavetado e foi pedido um exclusivo para habitação. O mesmo arquiteto que era presidente da Codeplan, Paulo Zimbres, fez um plano para edifícios de até 12 andares. Por manobras do setor imobiliário e com os olhos fechados do governo, basicamente do Roriz, ele permitiu o estouro do gabarito de Águas Claras. Não olharam o que estava acontecendo, ficou a skyline da Pauliceia. Veja só que ironia: quando a gente começou a estudar a Águas Claras, com o plano de pequenas edificações, a Aeronáutica foi lá nos chamar a atenção porque eles tinham um farol. Era uma torre de controle de aproximação dos aviões. Hoje tem aqueles edifícios enormes. Águas Claras tem uma ilha de calor, por causa da reverberação. Isso afeta a qualidade de vida.